

## **ATUAL CENÁRIO DA FEIRA LIVRE DE CAMPINA GRANDE E SUA INFLUÊNCIA NAS VENDAS DE CEREAIS**

JOÃO HENRIQUE DE ANDRADE CABRAL<sup>1\*</sup>; RAUL ARAÚJO DA NÓBREGA<sup>2</sup>; LINNEK KEVEN ARAÚJO POLICARPO<sup>3</sup>; BEATRIZ DE ARAÚJO TOMAZ<sup>4</sup>, PATRÍCIA FERREIRA DA SILVA<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Bolsista de PIBIC, Engenharia Agrícola, UFCG, Campina Grande-PB, jandrade.cabral@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduando em Engenharia Agrícola, UFCG, Campina Grande-PB, raul.nobrega@outlook.com;

<sup>3</sup> Graduando em Ciências Econômicas, UFCG, Campina Grande-PB, linnekaraujo@outlook.com;

<sup>4</sup> Bolsista de PIBIC, Engenharia Agrícola, UFCG, Campina Grande-PB, beatrizatomaz2@gmail.com;

<sup>5</sup> Pós Doutorado em Recursos Naturais, UFCG, Campina Grande-PB, patrycyafs@yahoo.com.br.

Apresentado no

Congresso Técnico Científico da Engenharia e da Agronomia – CONTECC'2018  
21 a 24 de agosto de 2018 – Maceió-AL, Brasil

**RESUMO:** A feira livre é uma tradição das cidades, principalmente no interior do nordeste brasileiro, ultrapassando barreiras econômicas, onde os comerciantes levam seus produtos e os clientes saem de suas casas para comprar, conversar, ver conhecidos, saborear comidas típicas, entre outras atividades. Assim, objetivou-se com este trabalho analisar a logística, estrutura e o conhecimento dos comerciantes a respeito dos grãos comercializados na feira livre de Campina Grande/PB. O cenário atual da feira foi avaliado com base em um questionário pré-estruturado aplicado aos feirantes da feira central de Campina Grande-PB, entre os meses de março a abril de 2018. Os resultados evidenciaram que os comerciantes sofrem com a concorrência dos grandes supermercados devido a precária estrutura física e logística da feira, bem como a falta de espaço para circulação e para estacionamento. Além disso, os comerciantes têm reclamado do baixo número de vendas, atribuindo a chegada dos grandes supermercados, muito embora a estrutura e a forma de comércio das feiras não tenham se alterado ao decorrer dos anos. Os feirantes de grãos da feira central não possuem técnicas de logística afim de chamar a atenção dos consumidores e acabam perdendo mercado para as grandes redes. A feira central necessita de infraestrutura visando a melhor acomodação. Faz-se necessário publicas públicas visando a melhoria das condições dos feirantes que circulam por esta feira tão importante para a cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feira central, comerciantes, vendas, grãos, logística.

### **CURRENT SCENARIO OF THE CAMPINA GRANDE FREE FAIR AND ITS INFLUENCE ON CEREAL SALES**

**ABSTRACT:** The fair is a tradition of cities, mainly in the interior of the Brazilian northeast, overcoming economic barriers, where merchants take their products and customers leave their homes to buy, talk, see acquaintances, taste typical foods, among other activities. Thus, the objective of this work was to analyze the logistics, structure and knowledge of merchants regarding grain sold at the free fair of Campina Grande / PB. The current scenario of the fair was evaluated based on a pre-structured questionnaire applied to the fairgrounds of the central fair of Campina Grande-PB, between March and April of 2018. The results showed that merchants suffer from competition from large supermarkets because of the precarious physical and logistic structure of the fair, as well as the lack of space for circulation and parking. In addition, traders have complained about the low number of sales, attributing the arrival of large supermarkets, even though the structure and form of trade fairs have not changed over the years. The grain traders at the central fair do not have logistics techniques to attract consumers' attention and end up losing market share to the big chains. The central fair needs infrastructure for the best accommodation. It is necessary public pulics aiming at improving the conditions of the markets that circulate in this fair so important for the city.

**KEYWORDS:** Central fair, merchants, sales, grains, logistics.

## **INTRODUÇÃO**

A origem da feira livre remonta o século IX na Europa: os mercados locais organizados com vistas a suprir a população local com os gêneros de primeira necessidade (Pirenne, 1936; Sato, 2007). A posição da feira livre no comércio varejista de alimentos *in natura* mudou significativamente com a crescente instalação de super e hipermercados. A década de 60 do século que passou testemunhou a expansão dos supermercados (Jesus, 1991; Sato, 2007).

No Brasil, as feiras livres e os mercados surgiram em 1841, como uma solução para o abastecimento regional de produtos, substituindo as bancas de pescado (Gorberg & Fridman, 2003; Azevedo & Kruehl, 2007). Nestas feiras e mercados instituídos pelo governo, só se vendiam certos artigos, em lugares específicos e com taxas estabelecidas pelo poder municipal. Os primeiros decretos já manifestavam preocupações com: a higiene dos feirantes; o respeito ao público; informações sobre os preços dos produtos e ainda com a formação de uma ética profissional (Sarem/Seplan-RR 1982; Azevedo & Kruehl, 2007).

A feira livre no Brasil se constitui em uma modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos (Mascarenhas & Dolzani, 2008). Este seguimento de mercado é considerado um dos locais mais tradicionais de comercialização de alimento a varejo, sendo uma forma de comércio móvel com circulação dentro das áreas urbanas (Gomes et al., 2012; Oliveira, 2012).

Circundada por todos os lados, a feira livre de Campina grande se configura entre longas avenidas, construções e comércio, entre crianças, jovens, adultos e idosos, entre o vai e vem da cidade todos os dias. A feira livre resiste ao tempo, e a falta de tempo da população, permitindo que seu isolamento e sua estrutura de comércio, garanta um espaço para população conversar, brincar, rir e principalmente vender fazendo com que esse tipo de comércio se perpetue por todos esses anos de história.

Praticamente toda colhida, a safra agrícola de 2017 deve totalizar 241,9 milhões de toneladas, aumento de 30,2% em relação ao ano anterior, superior a estimativa do IBGE é 0,1% superior. A área colhida em 2017 é estimada em 61,2 milhões de hectares, 7,2% maior que a do calendário passado. O arroz, o milho e a soja - três principais produtos da safra brasileira - representam 93,9% da estimativa da produção e respondem por 87,8% da área plantada. Houve aumento de 2,2% na área da soja, de 19,2% na área do milho e de 4,6% na área de arroz (VALOR ECONÔMICO, 2017). De acordo com o ministério da agricultura pecuária e abastecimento-MAPA (2017), Mato Grosso, Rio grande do Sul, Paraná e Goiás, são responsáveis por cerca de 67% da safra nacional de grãos. Portanto, a logística se faz presente para que esses produtos cheguem ao consumidor final.

Dessa maneira, objetivou-se com este trabalho analisar a logística, estrutura e o conhecimento dos comerciantes a respeito dos grãos comercializados na feira livre de Campina Grande/PB.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa foi conduzida na feira central de Campina Grande-PB, localizada na Rua Pedro Álvares Cabral, 129 - Centro, 58400-206, no período de março a abril de 2018 (Figura 1). O levantamento do cenário atual da feira central de campina grande foi obtido com a aplicação de questionários pre - estruturados de igual teor para todos os comerciantes, não havendo sequência quanto à ordem dos entrevistados. No total, foram entrevistados 20 (vinte) comerciantes ao decorrer da feira. Todos os dados obtidos foram analisados com auxílio de planilha do Excel.

Figura 1. Localização via satélite da feira central de Campina rande-PB. Fonte: Google Maps.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira questão a ser levantada, foi a respeito dos comerciantes se estes produziam ou apenas comercializavam os produtos. Todos os entrevistados eram apenas comerciantes, que adquiriam os produtos juntos aos “armazéns”, assim por eles chamados, são grandes redes atacadistas que compram os produtos nas regiões produtoras e trazem para a cidade, onde são armazenados em grandes galpões, por isso, denominados de “armazéns”.

Sendo armazenados em sacos de ráfia, com aproximadamente 50 quilogramas, os cereais são acomodados em armazéns ao abrigo de sol e chuva, para não haver interferência na qualidade dos mesmos. Os sacos adquiridos pelos comerciantes, são postos sobre pallets e cobertos com grandes sacos para os comerciantes que ficam sob o pavilhão, os demais que não ficam no pavilhão são acomodados em seus estabelecimentos (Figura 2 A e B).







Figura 2. Exposição dos produtos em sacos de 50 kg utilizados pelos comerciantes (A e B) e os diferentes tipos de cereais comercializados (C e D).

Quanto a origem dos grãos, são comprados tanto nos estados vizinhos, como em outros mais distantes, a exemplo os estados da Bahia, Pernambuco, Piauí, Goiás e Mato grosso. Os produtos são transportados até a cidade através de caminhões, carretas e bitrens, o que por sua vez é o transporte mais utilizado para o carregamento de cargas no país. Os diferentes grãos (Figura 2 C e D) levam em média de dois a cinco dias de viagem, dependendo de onde vem, ou das dificuldades encontradas nas rodovias, como estradas não asfaltadas, esburacadas e sem sinalização, e em épocas chuvosas o maior problema é a lama que dificulta o transporte. Em seguida são direcionados aos armazéns, e dessa forma os comerciantes adquirem conforme a necessidade e venda dos produtos.

A influência do frete no preço final do produto é um requisito muito importante ao mensurar o preço dos produtos, no entanto os comerciantes têm conhecimento apenas do preço que é repassado para eles nos “armazéns”. O transporte feito dos “armazéns” até suas bancas são realizados em carros de mão, que custa R\$ 2,00 (dois reais) por saco, o qual é repassado para o consumidor no preço final do cereal.

No que tange a logística da feira livre ou central de Campina Grande, pôde-se observar que a falta de conhecimentos dos comerciantes acaba prejudicando os mesmos, logo observa-se que os mesmos acreditam que apenas a arte do convencimento a compra, a lábria de vendedor é suficiente para convencer o consumidor. Outro ponto que influencia negativamente é que por não serem produtores, ou seja, produzirem seu próprio produto, acabam desconhecendo os ciclos de produção dos cereais e assim não conseguem comercializar seus produtos a um preço justo, e acabam tomando por base apenas o preço que adquirem os cereais nos “armazéns”. Além disso, como os comerciantes compram de terceiros, o preço pago por eles já tem uma base de lucro do atravessador, assim, quando adicionado sua base de lucro, o preço se torna menos competitivo e muitas vezes superior ao de supermercados.

Em contrapartida ao armazenamento dos produtos por parte dos comerciantes, a boa estrutura, organização dos serviços prestados e como são encontrados e organizados os alimentos nos supermercados, acabam levando os clientes das feiras livre, que por sua vez tem estrutura defasada, falta de organização, falta de estacionamento e dificuldade de locomoção, devido a esses pontos a maior queixa dos comerciantes são os grandes mercados. Logo, a falta de gerenciamento, de uma liderança frente aos comerciantes para que pudessem se organizar e reivindicar melhores estruturas, e assistência administrativa influenciam negativamente a logística da feira.

Todos esses fatores foram constatados por Catells (1999); Mascarenhas & Dolzani (2008), os quais, observaram que feira livre, sob esta nova ótica, torna-se um território desprezado pelas políticas públicas por não estar em compasso com as novas tendências econômicas e culturais mundiais. Tornando-se uma área considerada sem valor na perspectiva do capitalismo informacional, privada de uma infraestrutura tecnológica que a permita comunicar e inovar, o que podemos comprovar observando a pouquíssima atenção com que o poder público tem tratado este comércio. Uma atividade que, apesar de estar em desarmonia com as exigências de mercado consideradas primordiais atualmente para que um empreendimento seja bem-sucedido, tais como apelo midiático, inserção no sistema financeiro virtual e investimento constante de capitais, representa em suas características de exclusão e desatenção pela administração pública, um locus intrinsecamente pós-moderno quanto às consequências cruéis que este modelo pode gerar.

## **CONCLUSÃO**

Os feirantes de grãos da feira central não possuem técnicas de logística afim de chamar a atenção dos consumidores e acabam perdendo mercado para as grandes redes.

A feira central necessita de infraestrutura visando a melhor acomodação dos clientes e dos próprios produtos comercializados.

Faz-se necessário políticas públicas visando a melhoria das condições dos feirantes que circulam por esta feira tão importante para a cidade.

## **REFERÊNCIAS**

- Azevedo, V. M.; Krueel, V. S. F. da. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do. *Acta bot. bras.*, v. 21, n. 2, p. 263-275, 2007.
- MAPA. Ministério da agricultura pecuária e abastecimento. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/05/mais-da-metade-da-safra-nacional-de-graos-e-produzida-em-quatro-estados>. Acesso em: 25 de maio de 2018.
- Mascarenhas, G.; Dolzani, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. *Ateliê Geográfico*, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.
- Oliveira, E. G. de. Qualificação de resíduos sólidos gerados em uma feira livre na cidade de Campina Grande – PB. 2012. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.
- Sato, L. Processos cotidianos na organização da feira livre. *Psicologia e sociedade*, v. 19, ed. especial 1, p. 95-102, 2007.
- VALOR ECONÔMICO. 2017. Disponível em <http://www.valor.com.br/brasil/5225143/safra-brasileira-de-graos-deve-recuar-92-em-2018-aponta-ibge>. Acesso em: 24 de abril de 2018.